

1
Realidade, autenticidade, verdade.

Um estudo através da tradução para tres línguas.

No uso diario e inconciente da língua portugueza, as tres palavras sob estudo estao sendo empregadas de uma maneira tao imprecisa, que em muitos casos podem ser substituidas uma pela outra. Como exemplo direi: "Este quadro é realmente um Rembrandt. Este quadro é um Rembrandt autentico. Este quadro é um verdadeiro Rembrandt." Como, no entanto, uma reflexao por muito superficial que seja, revela, trata-se de tres palavras incommensuráveis: "realidade" é uma palavra ontologica, "autenticidade" é uma palavra ética e estetica, "verdade" é uma palavra lógica. "Realidade" é significativa quando afirmada em relação a um ser, "autenticidade" quando afirmada em relação a uma ação, "verdade" quando afirmada em relação a um juizo. As tres sentenças do meu exemplo, aparentemente equivalentes, subentendem por "quadro" no primeiro caso um "ser", a saber a coisa pinturada na parede, no segundo caso uma ação, a saber a atividade de Rembrandt, e no terceiro caso um juizo, a saber uma crítica do conceito "esta sensação" dentro da minha mente. São, portanto, tres sentenças teoricamente inteiramente isoladas uma da outra, significam teoricamente tres camadas da língua totalmente divorciadas uma da outra. ^{Como}, entretanto, são juxtapostas no exemplo indicado em cima, representam traduções "verticais" de uma camada da língua para a outra. As tres sentenças tem posição correspondente em suas respectivas camadas, e é essa correspondencia que é responsável pela confusão das tres palavras sob estudo no uso diario da língua. Alias no uso diario da língua proliferam os saltos de camada para camada, e esta circunstancia torna a língua um tecido tao rico e de tao difficil penetração. A correspondencia das posições das tres sentenças em suas respectivas camadas, a qual presumimos tacitamente no uso diario da língua, já que traduzimos "verticalmente" de uma sentença para a outra, encerra um problema interessantissimo e, conforme creio, muito importante para o pensamento filosófico. Não me atrevo a uma solução desse problema, mas me proponho a articular essa correspondencia tacitamente presumida, na esperança de iluminar o problema. Ficarei, nessa articulação, dentro do campo da língua. Para isto traduzirei "horizontalmente" as tres palavras, a saber para o alemão e o tcheco como segue:

Portuguez:	realidade	autenticidade	verdade
alemão:	Wirklichkeit	Echtheit	Wahrheit
tcheco:	skutečnost	pravost	pravda

Antes de tentar uma análise dessa tradução compararei o sabor dessas tres palavras em suas respectivas línguas: Em portuguez temos uma perda progressiva do aroma poetico, de "autenticidade", a partir da palavra verdade, passando pela palavra realidade, até a palavra autenticidade, que pode ser ilustrada da seguinte maneira: verdade -- realidade -----autenticidade. A palavra verdade é autenticamente portugueza, a palavra realidade tem um leve sabor de

erudição, apenas percebível ao ouvido atento, a palavra autenticidade é artificial, preciosa e inautêntica, o que é certamente um mau agúrio para os modernos pregadores da autenticidade. Em alemão as diferenças de qualidade entre as três palavras, se é que existem, são quase imperceptíveis. Em tcheco temos um paralelo com a escala do português, com o agravante que a palavra "pravost-autenticidade" é um derivado forçado e inteiramente artificial da palavra "práva-verdade". Temos portanto em tcheco um círculo que se abre pela palavra autêntica "pravda" e se fecha pela palavra idêntica mas inautêntica "pravost". Abandonarei esta ordem de ideias, estas considerações sóit-disant fenomenológicas das três palavras, para voltar a elas no final deste ensaio.

A palavra realidade é um derivado da palavra latina "res", a qual não se conservou no português moderno. Para ser inteiramente portuguesa, ela deveria soar algo como "coisidade". Em português é, portanto, o ser identificado tacitamente com a coisa. A palavra "Wirklichkeit" é um derivado do verbo "wirken"="ter efeito, funcionar", mas um derivado que deixa em dúvida se o efeito está sendo provocado "wirkend", ou se já foi alcançado "Wirkung". Para o alemão, portanto, o ser é, inconscientemente, um produto, possivelmente um produto semi-acabado. A palavra "skutečnost" é um derivado do substantivo "skutek"="ação, obra", num sentido ético, como se diz em português: "uma boa ação, uma obra de caridade". Em tcheco é, portanto, o ser identificado tacitamente com um ideal alcançado ou a ser alcançado. Esta noção pode ser apreciada muito aproximadamente em português em frases como: "um projeto realizado, um político realizado". Estamos diante de três noções diferentes, não de tudo alheias entre si, por certo, já que as três línguas são parentes próximos, mas claramente distintas. A tentativa de uma procura de um denominador comum extralinguístico, de uma "realidade em si" inarticulada em qualquer língua, seria fadada ao malogro. Mas já que é possível a tradução de uma língua para a outra, devem ser possíveis elos intralinguísticos que iluminam a correspondência entre essas três noções. Esses elos podem ser estabelecidos por alegorias, isto é traduzindo o problema para uma nova camada da língua. Tentarei duas alegorias: dentro da economia a realidade seria, para o português, a matéria-prima a ser transformada em produto, para o alemão a realidade seria o processo de fabricação, o parque industrial em funcionamento, e para o tcheco a realidade seria já fabricado ou planejado. Dentro da teologia a realidade seria, para o português aquilo sobre o que o Criador age, para o alemão a realidade seria o Criador, e para o tcheco seria o conjunto das obras do Criador. Estas alegorias devem ser aceitas com reserva. São ilustrações e não explicações. Deve ser evitado o erro de concluir que as três noções, tomadas em conjunto, significam a totalidade da realidade. Elas não podem ser tomadas em conjunto, mas cada por sua vez, dentro de sua língua. E não representam a totalidade, já que outras línguas oferecem noções inteiramente diferentes. A palavra verdade tem raízes etimológicas tão fundas, ela vem até nos de dista

Cias do Euzemio (Jo) João de Castro (Muniz) que uma audição de Fone e o círculo de realidade e produto da realidade da sua palavra. Privacidade de DSC.

ce mais que plausível. Em português, portanto, ~~que~~ é preciso ver para a verdade o juízo sujeito a verificação e controle empírico. O português põe a fé nos sentidos. A palavra "Wahrheit" deriva do verbo "wahren" = "guardar", o qual subentende o verbo "wehren" = "defender, quase proibir". Em alemão, portanto, é a verdade algo que nos foi confiado para ser guardado e defendido. Esta noção de luta por uma verdade confiada é enriquecida, se considerarmos a palavra inglesa "truth", portanto de uma língua muito próxima do alemão, e a qual diz "fidelidade". A palavra "pravda" deriva do adjetivo "pravý" = "autêntico, do lado direito". Dentro da noção tcheca se fundem, portanto, o aspecto da autenticidade (a ser analisada no parágrafo seguinte) com o aspecto jurídico, portanto moral. A noção portuguesa é a de uma correspondência entre juízo e significado a ser procurada, a noção alemã é a de uma correspondência entre juízo e significado secretamente revelada e confiada, e a noção tcheca é a de uma correspondência entre juízo e significado lícita e obrigatória. O oposto tácitamente pressuposto da noção portuguesa é o erro, da noção alemã é a heresia (o erro teológico), e da noção tcheca é a mentira. ("lež" = "mentira" de "levý" = "esquerdo"). Para recorrer novamente à alegoria, diria o seguinte: a correnteza dos juízos é um rio que corre, em português, na direção do significado, em alemão a partir do significado, e em tcheco, paralelo com o significado. A verdade é, em português, um ideal a ser alcançado, em alemão um tesouro a ser conservado, e em tcheco uma regra a ser obedecida.

A palavra autenticidade era, até bem pouco tempo, um termo técnico empregado em relação com documentos. O seu emprego atual, iniciado pelo pensamento filosófico e pela crítica de arte modernos, testemunha a tentativa da nossa geração de encontrar uma palavra que preencha o vazio deixado pelo desaparecimento do vocabulário "fé" no dicionário das elites intelectuais. Trata-se de uma palavra ressuscitada ad hoc, inautenticamente. Em sua forma original "authentos" diz aproximadamente "o que funciona de si mesmo", algo muito parecido com "automático". A noção, em português, é portanto de uma ação independente de vontade e esforço. A palavra Echtheit vem do adjetivo "echt" = "legítimo", que tem ligação com "eigen" = "próprio, esquisito" e "eitel" = "vão, vaidoso, puro". A noção, em alemão, é a de uma ação (ou paixão) legitimada não moralmente, mas pelo fato de ser típica para o autor, exprimindo e manifestando a sua personalidade, a sua essência pura. A palavra "pravost" é uma criação artificial, nascida do esforço consciente de traduzir a palavra "Echtheit" para o tcheco, o qual não contém uma palavra autêntica correspondente. (Como, por exemplo, a palavra "dever" é resultado de um esforço consciente de traduzir "werden" para o português.) Foi criada do adjetivo "pravý" = "autêntico, legítimo, do lado direito", o qual, entretanto, deu origem legítima aos substantivos "pravda" = "verdade" e "právo" = "direito". A noção é portanto alheia ao espírito da língua tcheca, é uma noção alemã forçada para dentro do tcheco, uma noção fantasiada. Talvez, com o tempo, conseguirá forçar o caminho para dentro do tecido da língua, quando então adquirirá um aroma de "acostumado", "acertado", "verdadeiro", "legítimo moralmente", aroma este proveniente da palavra "pravý". Recorrendo novamente à alegoria, diria o seguinte: Em português a noção é a de uma fonte que brota espontaneamente, em alemão de um movimento típico para um animal, por exemplo o movimento do rabo de um cachorro, e em tcheco a noção falta.

A análise das tres palavras sob estudo revelou a noção tácita, subconciente ou quase-conciente, que dorme dentro delas em tres línguas diferentes. É preciso salientar, para evitar enganos, que a análise nada revelou quanto à noção conciente dessas palavras. O que a análise procurou mostrar é o que as palavras dizem, não o que querem dizer. Mas aquilo que querem dizer está inevitavelmente marcado por aquilo que dizem. Este fato ajudará, assim o espero, para iluminar o problema em causa: a ligação subterranea entre as tres palavras, e portanto entre diversas camadas da língua.

As palavras "realidade", "Wirklichkeit", "skutečnost" pertencem à camada ontologica da língua, fazem parte de uma série de símbolos que apontam para o ser, tem significado quando afirmados em relação a um ser. A análise da palavra "realidade" não revelou raízes alheias a esta camada. A palavra está solidamente enraizada em sua camada e não serve como ponte. Mas as palavras "Wirklichkeit" e "skutečnost" brotaram do chão da camada axiologica da língua e se introduziram por assim dizer subrepticamente dentro da camada da ontologia. São palavras que falam de ações e de valores. Traduzindo horizontalmente da realidade para a Wirklichkeit e a skutečnost, e verticalmente para "wirken" e "skutek", e novamente horizontalmente para "funcionar" e "obra", teremos estabelecido um elo entre a realidade e a autenticidade. Teremos constatado, no entanto, a dubiosidade desse elo. Enquanto o papel da palavra "realidade" dentro da camada ontologica é bem definido, o lugar da palavra "autenticidade" dentro de sua camada é impreciso. O significado da palavra "realidade" é unívoco, o da palavra "autenticidade" é equivoco. O elo entre as duas palavras é portanto elastico, firmando-se quando a palavra "autenticidade" se aproxima e significa "automaticidade", e esticando-se quando a palavra "autenticidade" se afasta e significa "legitimidade".

As palavras "autenticidade", "Echtheit" e "pravost" pertencem à camada axiologica da língua, fazem parte de uma série de símbolos que apontam para valores. A inautenticidade da palavra "autenticidade" e "pravost", isto é o fato de terem sido estas palavras introduzidas violentamente e propositadamente de camadas da língua não-axiologicas para a camada axiologica, é prova de um esforço conciente de reorganizar a escala de valores autenticamente implícita nas duas línguas. No caso português, esta revalorização de valores foi conseguida graças a uma especie de truque de magia: uma palavra grega cujo conteúdo ontologico ("automaticidade") tinha caído em esquecimento e que vinha sendo usada dentro da camada axiologica em posição secundario (um documento autentico) foi subrepticamente e disfarçadamente elevada a uma posição central dentro dessa camada. No caso tcheco trata-se simplesmente da tentativa de introduzir uma palavra alemã para o contexto correspondente tcheco mediante tradução obliqua, sem considerar a bagagem que a palavra "pravost" carrega consigo, quando assim transferida de uma posição dentro da camada axiologica para outra. Desta forma surge uma especie de caricatura da meta intencionada pelos tradutores. Sómente o alemão não revaloriza os seus valores quando fala em "Echtheit". Trata-se de uma noção implícita na língua, e a famosa "revalorização de valores" que caracteriza os pensadores alemães do fim do século passado é, vista deste ângulo, uma

pesquisa da língua. O que aconteceu, portanto, foi o seguinte: No seu esforço de assimilar uma axiologia alemã viu-se o português e o tcheco forçado de procurar uma ponte entre duas ou mais camadas de sua própria língua, viu-se forçado a uma "tradução vertical", o que falsificou necessariamente a assimilação desejada. A história da palavra "autenticidade" é uma bela ilustração do funcionamento das diversas camadas, por ter se desenrolado recentemente e quase à flor da pele da língua.

As palavras "verdade", "Wahrheit" e "pravda" são como que blocos sólidos dentro da língua, ao redor dos quais as ondas das diversas camadas se quebram. As suas raízes estão localizadas dentro daquele fundo inacessível da língua que dá origem às camadas, e portanto as três palavras participam de quase todas elas. A comparação das três palavras revela, portanto, algo desse fundo da língua, dessa "Weltanschauung" implícita na língua. Em português revela algo da fé genuína e ingenua nos sentidos, num empirismo original, em alemão revela algo da fé numa força superior transcendente cuja influência no mundo dos sentidos deve ser defendida e guardada, e em tcheco revela algo da fé numa ordem pre-estabelecida. Revela uma concepção do mundo essencialmente divergente nas três línguas (se bem que possivelmente harmonizável) que pervade e informa todas as camadas, inclusive a lógica, dentro da qual as três palavras são especialmente visíveis.

Feita esta análise destas três palavras-chave do pensamento atual, (uma análise superficial e apressada, mas talvez condutiva a pesquisas mais aprofundadas), volto a minha atenção ao problema que me propuz: a relação entre as camadas da língua. Trata-se de um problema básico da epistemologia, cuja urgência é manifestada diariamente pela ciência, mas o qual é curiosamente evitado pela maioria dos pensadores da atualidade. A ciência consiste em uma série de "traduções verticais" de diversas camadas da língua para a camada matemática, e a técnica consiste em uma série de retraduições para as camadas mais primitivas da língua. Neste processo, o que era "coisa" ou "vida" ou "alma" é traduzido para se tornar símbolo quantitativo, e retraduzido para se tornar "instrumento". O progresso da técnica pode ser vislumbrado como o processo no curso do qual as palavras originais das camadas primitivas da língua estão sendo substituídas por retraduições, tendo sofrido como que uma metamorfose em seu caminho através da camada matemática. A grande dificuldade do pensamento atual reside na quase impossibilidade de sabermos se, por exemplo as palavras "coisa" ou "homem" num certo contexto são palavras originais ou retraduzidas. Esta dificuldade cria uma confusão de línguas não mais entre diversos locutores, mas dentro de cada um de nós. O problema é portanto duplo. O seu lado teórico afeta o valor epistemológico da ciência, e o seu lado prático afeta o próprio processo do nosso pensamento, a nossa maneira de viver portanto. Foi o problema iluminado no decurso desta análise, e, em caso afirmativo, de que forma foi iluminado?

O que salta aos olhos é a complexidade das camadas dentro de cada língua. Não é possível, como o querem alguns logicistas, distinguir um número restrito de camadas nitidamente separadas, em falar, por exemplo, em uma camada "matemática", uma camada "física", uma camada "poética" — assim em diante. A própria

linguagem diária, "a língua do povo", se revela sob análise superficial como um conglomerado de camadas, dentro do qual as palavras individuais saltam de camada para camada, transformando-se neste processo. A ciência não é, portanto, outra coisa de que uma linguagem diária disciplinada, uma tradução vertical metódica. Longe de ser uma ponte do espírito ~~xxx~~ para o "totalmente diverso", e longe portanto de proporcionar "conhecimento", ela está inteiramente presa no tecido da língua. Se é que ela tem valor epistemológico, este provém inteiramente da língua da qual ela não passa de ser uma camada. Trata-se, entretanto, de uma camada etérea, quase despida de significado a não ser o quantitativo. É portanto uma camada ideal para a tradução de uma língua para a outra. A ciência é um esperanto altamente eficiente, pelo menos para as línguas flexionais. Se serve também para outros tipos de língua, isto é um problema a parte. O método da retradução revela a modificação sutil que a palavra sofre. Cada vez que retraduzimos, isto é cada vez que colocamos uma palavra numa camada que não é a sua para satisfazermos a uma correspondência entre línguas ou entre camadas, falsificamos sutilmente o significado almejado, porque a palavra leva consigo algo de sua camada original para a nova. Exatamente a mesma coisa tece na técnica, isto é na retradução da ciência para a linguagem diária, frase: "a técnica é artificial", que parece ser uma verdade de Lapalisse, ~~mas~~ tem um significado neste contexto. A nossa língua, e portanto o nosso pensamento, se torna inautêntico em grau sempre crescente, à medida que retraduzimos a ciência, isto é a medida que a ciência e a técnica progridem. O sentimento de falso, do forçado, e, (porque não dizê-lo?) do pecaminoso que nos invade ao contemplarmos as nossas convicções, nossas noções e nossos ideais se origina na inautenticidade, na artificialidade das palavras que pensamos. E esta falsidade provém do progresso da técnica em nosso vocabulário íntimo, provém da nossa perda progressiva de um vocabulário autêntico e original, e portanto de nossa perda de contato progressiva com o fundo criador da língua.

Esta perda ainda não é definitiva, e quando encontramos palavras como "verdade" ainda sentimos o poder criador da língua em sua plenitude. Volto, neste contexto às considerações fenomenológicas ou quase-fenomenológicas do início deste estudo. Uma análise introspectiva das palavras nos revela esta plenitude da língua, esta riqueza em significados de toda palavra autêntica, e, além e acima dessa riqueza, revela o "aistheton" da palavra, a sua melodia, o seu poder evocativo e invocativo. As palavras artificiais, os termos técnicos, que formam, já agora, a maioria do nosso vocabulário, se distinguem dessas palavras genuínas não tanto pela pobreza de significado, como pela falta total do poder estético no sentido que acabo de mencionar. Da mesma forma se distingue a nossa noção do mundo da noção que tinham do mundo gerações mais próximas à origem da língua. O nosso mundo é menos significativo, e carece de "aistheton", de realidade, de verdade e de autenticidade.

Fechei o círculo deste estudo. Fechei-o de maneira sintomática para todo estudo da língua. Como a língua pode ser estudada somente pela língua, trata-se de um exercício, circular é verdade, porém talvez não vicioso.